

## O CULTO AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, A PRODUÇÃO DE PRESENÇA E AS PRÁTICAS DE GRUPO NA AFIRMAÇÃO DE UMA ELITE RELIGIOSA NA VILA DE SÃO PEDRO DE CANTAGALO (1814-1850)

Carlos Felipe Bento Bessa<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a formação da Vila de São Pedro de Cantagalo e Irmandade do Santíssimo Sacramento sob o conceito de Produção de Presença de modo a perceber os arranjos entre os irmãos da referida confraria em que se estabelecem os quadros mais destacados da vila, constituindo-se enquanto uma elite local. Outrossim, é necessário reforçar que essa organização foi elemento central na formação da região, e foi espaço de distribuição de poderes a partir das relações entre os irmãos do Santíssimo e entre o espaço historicamente construído que surgia ali durante o fim do século XVIII e nas primeiras décadas do XIX. Ao mesmo tempo, será notável a participação desses irmãos nos quadros da Câmara da referida vila de modo a confirmar seu papel de articuladores do *modus operandi* da região, firmando-se enquanto uma elite local político-religiosa.

**Palavras-chave:** Elite local, Santíssimo Sacramento, Câmara, confraria, Produção de Presença.

### THE HOLY SACRAMENT'S CULT: THE PRESENCE AND COLLECTIVES PRACTICES IN THE CREATION OF A RELIGIOUS ÉLITE IN THE VILLAGE OF SÃO PEDRO DE CANTAGALO (1814-1850)

### Abstract

The present article aims to analyse the formation of the Vila de São Pedro de Cantagalo and the Irmandade do Santíssimo Sacramento under the concept of Presence Production in order to perceive the arrangements between the members of the brotherhood where the most outstanding cadres of the village are established, constituting itself as a local élite. Furthermore, it is necessary to reinforce that this organization was a central element in the region's formation and was a space of distribution of powers based on the relationships between the Santíssimo's brothers and the historically constructed place emerging there during the end of the eighteenth century and the first decades of the nineteenth's century AD. At the same time, it is remarkable the participation of these brothers in the government of the aforementioned village in order to confirm their role as articulators of the *modus operandi* of the region, establishing themselves as a local politico-religious élite.

**Keywords:** Local elite, Holy Sacrament, County government, Confraternity, Presence production.

A irmandade do Santíssimo Sacramento se estabeleceu no Arraial de Cantagalo a partir das últimas décadas do século XVIII, com o advento de grupos antes estabelecidos nas vilas das Minas Gerais, que nesse momento passavam pela decadência da produção aurífera naquela região. Cantagalo passou a ser um objeto de desejo para aquelas famílias que desejavam encontrar nas novas terras o metal precioso que as possibilitaria ascender socialmente ou, ao menos, manter seu padrão de vida antes do ocaso do ouro nas Gerais.

---

<sup>1</sup> – Mestrando em História pelo PPGH da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: cbento.felipe@gmail.com

Ao mesmo tempo, esses grupos que almejavam encontrar riquezas nas novas terras localizadas no Baixo Paraíba os grupos vindos das Minas Gerais concluíram a construção da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento, em 1786, e por conseguinte a Irmandade do Santíssimo Sacramento, em 1789; uma devoção de elite que já figurava no Brasil desde o período Colonial (MUAZE, 2011, p.295).

As irmandades do Santíssimo Sacramento tiveram sua origem na devoção ao Corpo de Cristo na Europa Medieval. O culto e as procissões de *Corpus Christi* passaram a constituir um aspecto da liturgia cristã católica, tradicional no ocidente a partir da Bula *Transiturus*, estabelecida pelo papa Urbano IV, em 1264, construindo a relação entre Igreja e os reinos da Europa Medieval, sobretudo o de Portugal. Instituiu a festa a partir do modelo de Cristandade (GOMES, 2011, p. 25-38).

Tornou-se uma devoção tanto da Igreja quanto das monarquias, sobretudo da portuguesa que ao longo da época moderna a fez chegar em todas as suas colônias, estando presente no Brasil a partir do século XVI. Segundo Beatriz Cruz (2005, p.30), houve a apropriação pela Monarquia portuguesa da liturgia cristã na época moderna, que começou a se desenhar a partir das relações estabelecidas quando da criação do culto, no medievo. Sendo assim, o Corpo de Cristo foi um festejo promovido pela Igreja e pela Monarquia ao mesmo tempo. Tornou-se como Cristo; a exemplo do que se compreende acerca da liturgia sobre a última ceia de Cristo e seus apóstolos, matéria indissociável, homem e deus, que após sua morte ficou caracterizada na hóstia que é consumida como ato de comunhão entre os fiéis e o Cristo, que permanece vivo naquele pedaço de pão. O símbolo máximo do culto, talvez seja também o ponto de intersecção entre Estado e Igreja. Um movimento tanto político quanto religioso. (SANTOS, 2005, p.24).

O *corpus mysticum* da época moderna que se assemelha à matéria daquele objeto venerado. Isso porque a pompa que se prestava ao Santíssimo Sacramento em seus festejos, portanto culto à Majestade divina, deveria ser semelhante ao culto, a pompa que deveria se prestar à Majestade temporal. Por esse motivo os reis estimulavam a devoção, para que uma servisse de modelo para a outra. Dessa forma os súditos deveriam compreender e seguir o modelo da devoção ao Santíssimo para reverenciar também o rei (BESSA, 2017).

A partir daí, uma proposta de análise recai sobre as práticas dos irmãos associados ao Santíssimo para explicar a sua consolidação na Vila de São Pedro de Cantagalo e sua afirmação enquanto elite local. Por práticas, é possível defini-las com ajuda de Michel de Certeau (2012, p.86) como um conjunto de atividades conjuntas e cotidianas como um aspecto complexo de procedimentos, operações e manipulações técnicas; que se materializam após a apreensão de discursos. No caso das práticas analisadas para uma irmandade composta por um grupo de

peessoas, opta-se por uma utilização do conceito de práticas culturais, que permite compreender comportamentos de grupos de modo mais adequado ao tipo de análise proposta nesse artigo, uma vez que serão analisados conceitos que preveem comportamentos de uma associação religiosa composta por muitos sujeitos que se relacionaram num curto espaço de tempo, num espaço relativamente pequeno, no interior da Corte.

Após o período mencionado, a associação do Santíssimo já bem estabelecida após o Arraial de Cantagalo receber a condição de Vila, em 1814, foi composta por 126 irmãos<sup>2</sup>. Essa associação, bem como as irmandades que prestavam culto a outras figuras e símbolos ligados à Igreja Católica, eram associações religiosas que tiveram, por prática comum, a solidariedade entre grupos e a manutenção das hierarquias sociais. Um movimento interno que reproduzia elementos sociais que vinham de fora, do cotidiano dos espaços em que eram estabelecidas. Santos (2005, p.26) reforça que a monarquia portuguesa já se apropriara do culto ao Santíssimo no período medieval, e o carregou ao longo dos séculos seguintes, promovendo festejos, como a festa de *Corpus Christi* e tornando-se matéria indissociável, unindo a monarquia ao corpo de deus, formando, segundo a autora, um *corpus mysticum*. Já no período moderno, o culto ganhou ainda mais força na tentativa de uma Igreja mais ortodoxa retomar sua credibilidade posta em cheque, no movimento de Contrarreforma, durante o século XVI; que é quando a devoção chega ao Brasil.

É importante destacar uma elite local na Vila de Cantagalo que à época estava recém estabelecida, e que ainda carece de uma análise mais profunda de suas práticas, rituais e relações, tanto entre os irmãos quanto entre essa confraria e a sociedade estabelecida na Vila de São Pedro de Cantagalo. É bem verdade que nos primeiros anos de assentamento desses irmãos, algumas relações puderam ser descortinadas, como é o caso de José Gomes Chaves, que viveu em sesmária concedida por Joaquim José de Souza. O primeiro foi zelador da irmandade nas primeiras décadas do oitocentos e o segundo foi zelador da confraria no mesmo período. A princípio, já se pode destacar ao menos uma nobreza da terra possuidora de extensões de terras – sesmarias – que as distribuía para seus confrades (FRAGOSO, 2000).

Portanto, como afirma De Oliveira, os espaços de sociabilidade – e acrescento, espaços de práticas - nos quais está inserida uma elite “encerram um lócus de projeção” onde as hierarquias sociais configuram-se afirmando esse grupo no período imperial no Brasil. Outrossim, as associações das quais fizeram parte as elites locais nas vilas do Brasil imperial,

---

<sup>2</sup> Centro de Memória Pesquisa e Documentação de Cantagalo. Fundo Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Cantagalo, Documentos Especiais, Doc. Especial II – LB-043.

constituíram-se enquanto grupos que objetivaram legitimar sua presença e disputaram com outras associações a hegemonia nessas localidades a fim de se firmarem no topo da hierarquia das sociedades em que essas confrarias atuavam. Pois, “as irmandades poderiam ser uma das instituições a contribuir para a construção deste viés identitário entre as elites locais (DE OLIVEIRA, 2011, p. 113).”

Para isso, e com ajuda de Certeau (2012, p.90) é possível definir a Vila de São Pedro de Cantagalo enquanto espaço e lugar ocupado por um grupo que se estabelece e passa a reger aquela região, o que configura uma elite local. Um lugar é uma configuração instantânea de posições, segundo o autor (2012, p.93). Esse espaço é a ordem onde se distribuem elementos nas relações de coexistência entre os grupos ali estabelecidos. Um exemplo bem demarcado é a relação de concessão de terras entre os irmãos do Santíssimo Sacramento. Porém, a ideia dessa análise é propor uma reflexão sobre uma presença e uma relação desse espaço com o sagrado, com suas experiências religiosas, que extrapola a dimensão física, política mesmo ao situar esses irmãos.

Por isso, um recurso teórico empregado para obter uma compreensão interessante sobre as práticas da confraria do Santíssimo Sacramento é o conceito formulado por Hans Ulrich Gumbrecht (2010, p. 82), a Produção de Presença, em que o autor reflete sobre o conceito que propõe formular a partir de análise sobre a própria festa de *Corpus Christi* organizada pela Igreja e seus fiéis no período moderno.

Gumbrecht (2010) ressalta que, mesmo na época moderna, o culto ao Sacramento da Eucaristia, ou a produção da “Verdadeira Presença de Deus na Terra entre os vivos e os mortos, era sem dúvida o ritual central da cultura medieval” (2010, p.86) e, como foi dito, do próprio período moderno. A celebração da missa não era só uma tentativa de reconstituição comemorativa da Última Ceia de Cristo, mas era um ritual que tornava a presença de Cristo, seus apóstolos e os elementos desse evento reais, presentes naquela prática. Sangue e corpo de Cristo tornavam-se tangíveis a partir da transferência da substância divina do filho de Deus para o pão e o vinho. Partindo de um conceito aristotélico de signo, esse ritual não separava o que era material e imaterial; eram a mesma coisa, daí surgindo a expressão *hoc est enim corpus meum* (pois este é o meu corpo).

O filósofo Jean Luc Nancy contribui com uma reflexão acerca do conceito de Presença onde destaca que essa é a “fórmula mística por excelência” em que a presença que foge à dimensão do sentido tem de estar ligada ao princípio da representação. Ou seja, pensando na atuação de uma confraria do Santíssimo Sacramento em uma região – a saber, a Vila de São Pedro de Cantagalo – mais do que sentir a presença de Cristo nas missas, procissões e eventos

da confraria, era necessário compreender que essa associação era representada por um grupo que destoava do restante do povo. Eram os *homens bons* (GUMBRECHT. *Apud.* NANCY, 2010) e abastados que partindo de um referencial religioso e amparados por tal, é quem ditava as regras de construção daquela sociedade em que viviam; esta mesma em um momento de construção propriamente dito, pois a Vila acabara de ser elevada a essa condição no início da segunda década dos oitocentos, como foi descrito acima. Ao fim e ao cabo, os irmãos do Santíssimo, durante o período colonial e imperial é quem representavam a Corte nos recantos mais longínquos da capital desse Império.

Mesmo tendo o autor refletido sobre o conceito de presença como não sendo um conceito permanente em que se possa agarrar, era justamente no momento de solenidades perpetrados pelos irmãos do Santíssimo que se produzia essa presença, tanto do aspecto religioso com a procissão do traslado do Corpo de Cristo, quanto da presença dos representantes do Rei, da Corte, que ainda assim formavam o mesmo *Corpus mysticum*, indissociáveis, contemplados e venerados, emanando seu poder espiritual, político e econômico.

Santos credita a emergência do culto e devoção ao Corpo de Cristo e das festividades que envolvem o Santíssimo Sacramento às Câmaras, à cidade colonial, às vilas por assim dizer. O que significa que essa devoção está atrelada aos dispositivos de ordem e organização social colonial estritamente, ou seja, é evidentemente uma devoção de elite, de elites locais com o objetivo de manter as hierarquias sociais, difundir o sentimento de pertencimento à Coroa, unir os indivíduos em volta dessa estrutura social, um meio efetivo de controle. Tal questão materializava-se, principalmente, nas procissões onde cada grupo ou corporação ocupava um lugar específico definido pelas hierarquias que organizavam a sociedade.

O espetáculo eucarístico, no contexto do catolicismo barroco, foi fortemente apropriado pelo laicato como aponta Santos, ao identificar nas procissões e na devoção seu aspecto mais geral de difusão do catolicismo e de princípios do Antigo Regime. Grandes festas com folguedos misturados à contemplação, cerimônias regadas de indivíduos influentes da sociedade colonial em âmbito local. Festas longas e opulentas vinham demonstrar no sentido mais estrito o que foi a Cristandade colonial, amostra real e representação Real do *corpus mysticum* a partir dos festejos na admiração do Santíssimo Sacramento sob o pátio, o ponto alto da comunhão entre Coroa e Igreja, clero e leigos das mais diversas camadas sociais da colônia portuguesa da América e em todo o mundo português. No caso da América portuguesa, as câmaras é que definem as ações e a organização das festas para a prestação devocional do povo até o início do século XIX.

As irmandades tinham, essencialmente, a função indireta de representar e resguardar social e politicamente os grupos dentro da hierarquia social de cada local em que estavam estabelecidas, e por que não? Talvez, essa função viesse antes mesmo da defesa da religião e da filantropia. A devoção ao Santíssimo Sacramento era uma devoção cara, e desde a sua chegada ao Brasil, no século XVI, essa confraria atraiu os membros das mais destacadas elites locais, pessoas que pudessem manter e resguardar a opulência e as vaidades de um grupo abastado, no período em que a vaidade por uma religiosidade barroca de espetacularização de suas devoções eram visivelmente destacadas, segundo o historiador Sérgio Chahon (2008, p. 110). Nesse período, foi possível balizar a irmandade do Santíssimo Sacramento de Cantagalo com irmandades homônimas tanto na capital da Corte quanto em algumas cidades das Minas Gerais, como Ouro Preto e Mariana; de modo a destacar sua característica elitista e representativa de um grupo destacado em cada uma dessas regiões. Essas associações eram compostas por homens brancos e que obtinham uma renda consideravelmente robusta para figurar nos quadros da irmandade. Para sua entrada e manutenção na confraria, era necessária uma quantia anual em réis; que podiam variar de região para região.

Observou-se, em relação a Cantagalo, uma entrada considerável de quadros militares e camarários e nos demais aparatos administrativos da Vila de São Pedro de Cantagalo. Nos livros de atas e de patentes da Câmara de Cantagalo<sup>3</sup> já a partir de 1814 é possível observar os irmãos Joaquim José de Souza – um dos primeiros vereadores da Vila – e o Capitão-mor José da Silva Pereira figurando nesses espaços de poder. O primeiro foi provedor da irmandade entre os anos de 1806 e 1814 e o segundo foi tesoureiro da confraria no mesmo período.<sup>4</sup> Dito isso, talvez seja desnecessário reafirmar o lugar na elite da Vila nesse período, visto que já foi ilustrado com alguns exemplos significativos, em que a documentação observada permite concluir aspectos dessa dimensão.

Os significados desses ritos trouxeram para as Ciências Humanas, um desafio hermenêutico, de compreender e avançar com interpretação das representações que grupos, como a irmandade do Santíssimo Sacramento, demarcavam os espaços em que atuavam. Para isso, o historiador Francisco Gomes lança mão do conceito de Cristandade Constantiniana um modelo adaptado à realidade colonial e posteriormente imperial, que nasce no período de afirmação dos Estados Absolutistas europeus. Tomando o exemplo do reino português, Gomes o apresenta como um Estado Confessional Católico, no qual há uma junção das duas instituições

---

<sup>3</sup> Livro de atas da câmara da Vila de São Pedro de Cantagalo, 1814. CMCAN-LS007.

<sup>4</sup> Livro de patentes da câmara da Vila de São Pedro de Cantagalo, 1814-1820. CMCAN-LRPCP001.

mais relevantes do período, a Igreja e o Estado, naquele momento em formação. Essa junção formou o *Corpus mysticum* abarcando súditos, clérigos e toda a corte, quando a própria noção de pertencimento ao Corpo de Cristo serviu para consolidar esse Estado em ascensão, legitimado pelo poder religioso. Um movimento de autoafirmação entre as duas instâncias e que, ainda assim, conferia-lhes dimensões e campos de atuação diferente. Suas práticas eram distintas e, ao mesmo tempo, correlacionadas; internamente representavam um mesmo poder, mas, externamente, o rei era visto por seus súditos como o próprio representante de Cristo na Terra, que por sua vez foi legitimado pela Igreja (GOMES, 2011, p.35).

Ao mesmo tempo, essa dinâmica era “repassada” para os leigos no formato da confraria do Santíssimo Sacramento, que “descia desse pedestal”, distante do povo, para mostrar-lhes através das atuações dessas irmandades materializados no pão e no vinho a transubstanciação não só do Corpo de Cristo, mas também dos poderes das duas instituições. Pois como afirma Gumbrecht (2010, p.107):

Numa Cultura de Presença, além de serem materiais, as coisas do mundo têm um sentido inerente [...], e os seres humanos consideram seus corpos como parte integrante da sua existência [...]. Para uma cultura de presença, o conhecimento é legítimo se for conhecimento tipicamente revelado. É conhecimento revelado pelo(s) deus(es) ou por outras variedades daquilo que se poderá descrever como ‘eventos de autorrevelação do mundo’. Como já afirmei, o impulso para esses eventos de autorrevelação nunca vem do sujeito. Se acreditarmos na revelação e no desvelamento, eles simplesmente acontecem e, uma vez acontecidos, nunca podem ser desfeitos pelos seus efeitos.

Gumbrecht acaba por reforçar o papel da representação orquestrado pelo amálgama de relações que foram observadas até aqui. A apropriação de rituais por parte de uma monarquia que, partindo de sua relação com a Igreja Católica, os reproduzem e formam, assim, pequenos grupos de leigos espalhados pelos seus domínios a fim de justamente afirmar-lhes, ocupando os espaços e determinando as relações implícitas e explícitas a partir das atuações desses pequenos grupos de leigos associados a uma irmandade, cujo objetivo é efetivar essa presença institucional como meio de controle numa extensão de terra tão vasta de sujeitos e diversidades, realocando-os em um *Corpus mysticum* sem o qual talvez fosse muito mais difícil mantê-los coesos.

E, ainda assim, nesse emaranhado de complexidade que foi o Brasil sob os domínios da monarquia portuguesa os desafios de se fazer presente exigiram uma organização assustadoramente bem delimitada ao sujeito que pretende empreender análise a essas dinâmicas perpetradas pelas irmandades que tiveram uma atuação fundamental para a manutenção do poder político e religioso no Brasil.

Dito isso, o presente texto teve por objetivo compreender e apresentar alguns elementos de análise para descortinar as dinâmicas, relações e mecanismos da confraria do Santíssimo Sacramento, voltando-se principalmente para as atuações dessa confraria na região da Vila de São Pedro de Cantagalo, no interior do Rio de Janeiro de resquícios do período colonial e início do período imperial, afim de perceber como uma elite se constituiu a partir do culto oficial da Corte e, ao mesmo tempo, como se deu essa distribuição de poder, alinhamentos e capilaridade dos irmãos do Santíssimo naquela sociedade, sem perder seu aspecto representativo, produzindo e reproduzindo a presença de El-Rei e da Igreja enquanto irmãos do Santíssimo mas também enquanto vereadores, militares e administradores da Vila.

Pensar nessas dinâmicas a partir dos conceitos de Cultura, Produção de Presença, Poder e Práticas não tem a intenção de esgotar o conhecimento, mas trazer à tona aquilo que era desconhecido de forma a tornar possível compreender o pensamento de uma parte fundamental daquela sociedade. Entretanto, mais do que isso, é de algum modo “dar voz” a personagens que detinham um protagonismo, mas que era um protagonismo numa escala micro, com complexidades, conflitos e convergências diferentes se compararmos a outras Vilas, a outras sociedades do mesmo Brasil. Do mesmo modo, trata-se de compreender, mesmo em escala reduzida, estruturas complexas e diferentes do mesmo poder, do mesmo Corpo e na mesma direção, mas em procissão em ritmos e por caminhos diversos.

### **Referências documentais**

#### **Documentação digitalizada que compõe o acervo do Centro de Memória Pesquisa e Documentação de Cantagalo (CMPDCAN):**

- Livros de Batismo – Fundo Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento (IMSSC-LB).
- Livros de Óbitos (justificações e óbitos) - Fundo Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento (IMSSC-LO).
- Livros de Casamento (habilitações, banhos matrimoniais) - Fundo Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento (IMSSC-LC).
- Inventários - Fundo Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento – inventário *post mortem* de Joaquim José de Souza.
- Livros de Registros da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Cantagalo - Fundo Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento.
- Livro de Registro de patentes, Cartas e Provimientos da Câmara de Cantagalo - Fundo Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento (CMCAN – LRPCP001 - C01).
- Livro de Registro de Ofício da Câmara de Cantagalo - Fundo Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento (LRO001).
- Livro de Registro de Correções e Ofícios da Câmara de Cantagalo - Fundo Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento (LRCO001).



Livro de Registro de Ofícios e Portarias - Fundo Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento (LROP001)

Fundo Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Cantagalo, Documentos Especiais, Doc. Especial II – LB-043. Livro de atas da câmara da Vila de São Pedro de Cantagalo, 1814 (CMCAN-LS007).

Livro de patentes da câmara da Vila de São Pedro de Cantagalo, 1814-1820. (CMCAN-LRPCP001).

### Referências bibliográficas

BESSA, Carlos Felipe Bento. *O culto ao Santíssimo Sacramento: irmandade, elite e formação da Vila de São Pedro de Cantagalo – 1790-1814*. Monografia submetida ao corpo docente da Escola de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciado em História, sob orientação do Prof. Dr. Anderson José Machado de Oliveira. Rio de Janeiro, 2017.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012

CHAHON, Sérgio. *Os convidados para a ceia do Senhor: as missas e a vivência leiga do catolicismo na cidade do Rio de Janeiro (1750-1820)*, São Paulo: Edusp, 2008.

DE OLIVEIRA, Anderson José Machado. Devoção e hierarquias sociais: irmandades e elite macaense no oitocentos. In: AMANTINO, Márcia; RODRIGUES, Cláudia; ENGEMANN; FREIRE, Jones (org..). *Povoamento, catolicismo e escravidão na antiga Macaé (Séculos XVII ao XIX)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

FRAGOSO, João. Afogando em nomes: temas e experiências em História econômica. *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro 2002.

GOMES, Francisco José Silva. Quatro Séculos de Crisandade no Brasil. In: DE MOURA, Carlos André Silva. DA SILVA, Eliane Moura. DOS SANTOS, Mário Ribeiro. DA SILVA, Paulo Julião. (org..). *Religião, cultura e política no Brasil: perspectivas históricas*. Série IDÉIAS – Vol. 1. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC-Rio, 2010.

MUAZE, Mariana. *O Vale do Paraíba e a dinâmica Imperial*. In: Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense - fase III. Rio de Janeiro: INEPAC/ Instituto Cidade Viva, 2011, v.3.

SANTOS, Beatriz Catão Cruz. *O corpo de Deus na América: Festa de Corpus Christi nas cidades da América portuguesa – século XVIII*. São Paulo, Annablume, 2005.